

Director  
Oliveira Tavares

Editor  
Joaquim Araujo

Propriedade da Empresa  
de Publicidade Colonial, L.<sup>a</sup>

# GAZETA DAS COLONIAS



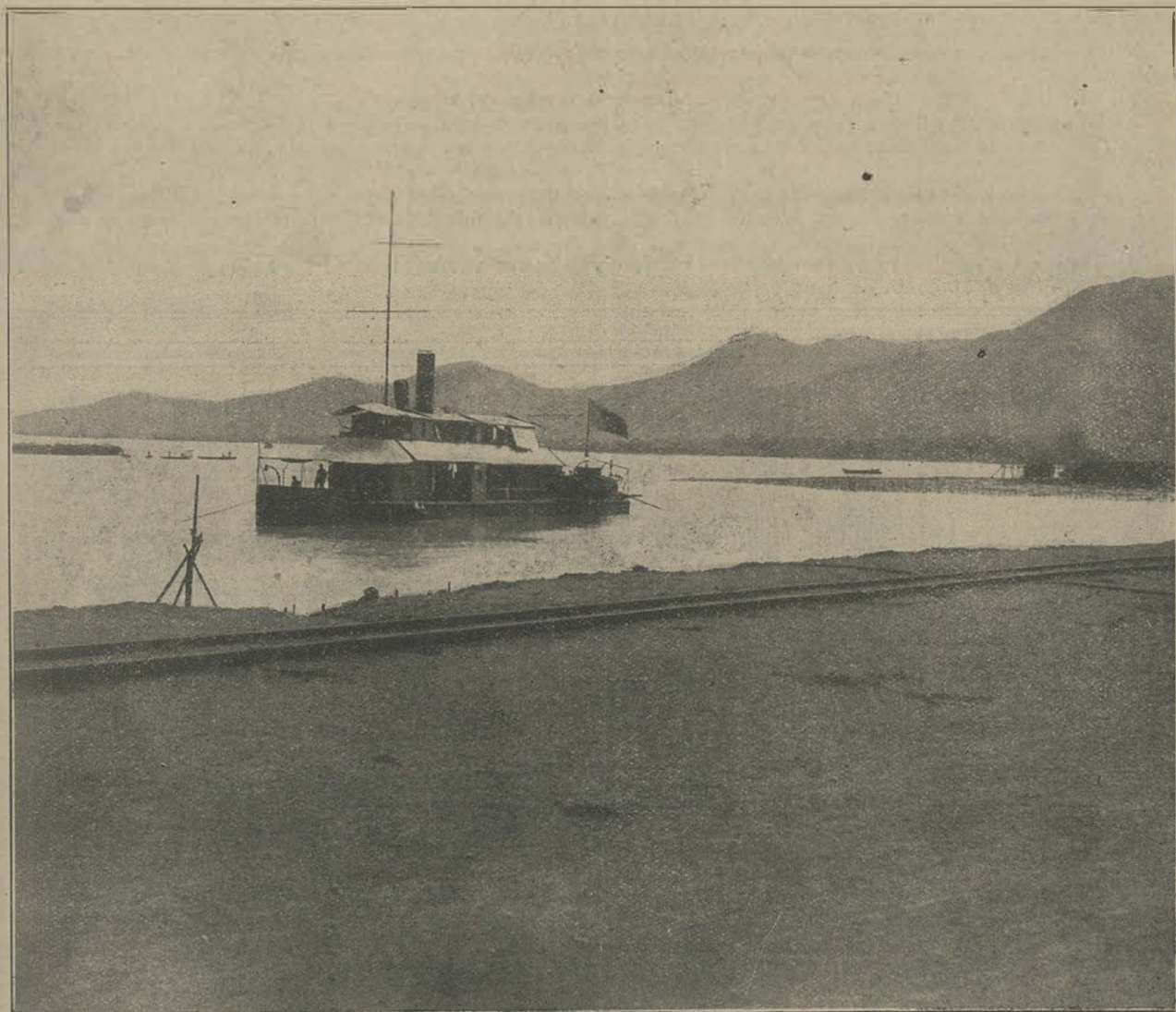
Composto e Impresso  
Rua do Seculo, 150

Publica-se ás 5.<sup>as</sup> feiras

Redação e Administração  
R. Diario de Noticias, 44, 1.<sup>o</sup>

SEMANARIO DE PROPAGANDA E DEFEZA DAS COLONIAS

## FOMENTO COLONIAL



MACAU — Obras do Porto

(Aterros iniciados durante o governo do comandante José Carlos da Maia)

# COLABORADORES

Albano A. Portugal Durão (antigo ministro), Maj. A. Cifka Duarte (Ex.<sup>mo</sup> Director da Aeronautica Militar), Dr. Alexandre de Vasconcellos e Sá (antigo ministro), Engenheiro Alfredo Augusto Freire de Andrade (antigo gov. colonial). Dr. Alvaro Xavier de Castro (antigo gov. colonial), Dr. Antonio Gonçalves Videira (Beira-Moçambique), Antonio José Pires Avelanoso, Alm. Antonio J. A. F. Pinto Basto, Major Antonio Leite de Magalhães (antigo gov. de distrito), Antonio Pinto Teixeira (antigo gov. de distrito), Maj. Antonio Ribeiro de Carvalho (antigo ministro), Eng. Antonio Vicente Ferreira (antigo ministro), Dr. Armando Cortesão, Dr. Armindo Monteiro, Artur Tamagnini de S. Barbosa (antigo gov. colonial), Aires de Ornelas e Vasconcelos (antigo ministro), Cap. Carlos T. A. dos Santos, Dr. Carlos Amaro, Cap. ten. Carlos Pereira (antigo governador colonial) Eng. Carlos Roma Machado, Carlos Oscar da Silva, Eng. Carlos de Sá Carneiro, Al. Carlos Viegas Gago Coutinho, Dr. Constantino José dos Santos (senador), Dr. Egidio Inso, Alm. Ernesto Julio de Carvalho e Vasconcelos, Dr. Fernando Emídio da Silva, Maj. Francisco C. Aragão, Eng. Francisco da Cunha Rego Chaves (antigo ministro), Maj. Francisco Pedro Curado, Eng. Francisco Pinto da Cunha Leal (antigo ministro), Heitor Eugenio de Magalhães Passos (inspector escolar) Ten. Cor. Henrique Sátiro Pires Monteiro, Cap. Ten. Henrique Monteiro Corrêa da Silva (antigo governador colonial), Dr. João Camoesas (antigo ministro), Cap. João Guilherme de Menezes Ferreira, Cap. João Luiz de Moura, Ten. Cor. João Maria Ferreira do Amaral. Dr. João dos Santos Monteiro, Eng. João Tamagnini de S. Barbosa (antigo ministro), Gen. José Augusto Alves Roçadas (antigo governador colonial), Maj. José A. de Melo Vieira, Dr. José Benevides, Dr. José Caeiro da Mata, Cap. Ten. José E. Carvalho Crato, Dr. José O. Ferreira Diniz, Maj. José Tristão de Bettencourt, Luiz de Menezes Bragança, (India), Luiz Moita, Dr. Manuel de Brito Camacho (antigo Alto Comissario em Moçambique), Dr. Manuel Fratel, Manuel Ferreira da Rocha (antigo ministro); Mariano Machado (antigo director da C. F. de Benguela), Dr. Roberto Bruto da Costa (India), Paulino dos Santos Gil (Lourenço Marques), Tomé de Barros Queiroz (antigo ministro), Dr. Francisco Anaclote da Silva (Senador por Macau).

## CORRIGENDA

Não obstante todos os cuidados, as *gralhas* continuam aparecendo com uma insistencia que assume aspectos de perseguição.

No editorial do nosso ultimo numero, foram elas duma intoleravel frequencia.

Assim, saiu na 2.<sup>a</sup> coluna: *Teem de acarinhur* por *Tem de acarinhar*; *principio e dedicação* por *principio de dedicação*; *Toda essa* por *Toda sua*; na 3.<sup>a</sup> coluna: *obrigações que teem com a potencia colonial* por *obrigações que temos como potencia colonial*.

Tambem no interessante artigo «*Humbe e Roacaná*», da autoria do illustre engenheiro Sr. Roma Machado e que por lapso na paginação deixou de ser incluido na secção «*Angela*» a que dizia respeito, devem ser feitas as seguintes rectificações:

No 1.<sup>a</sup> columna a seguir a: *apresentar algumas considerações ácerca do Humbe* deve ler-se: *e do Roacaná, bem pequena parte do vasto Sul de Angola* . . .

# PARCERIA DOS VAPORES LISBONENSES

(Arrendatária das docas e oficinas do Porto de Lisboa)

Serviço permanente de reboques, salvamentos de navios e transportes fluviais de passageiros, bagagens e carga;

Aluguel de cábreas e outros aparelhos de força.

Trabalhos de sondagens e de mergulhadores.

Reparações de navios; limpezas, picagens (manual e a ar comprimido) e pinturas interiores, de costados e de fundos.

Pequenas construções navais (rebocadores, lanchas, batelões, salva-vidas, etc.).

Demais trabalhos navais de todas as especiali-

dades metalúrgicas, de soldadura, de carpintaria de branco e de machado, de calafetos, etc.

Montagens e reparações de instalações electricas a bordo.

Obras hydraulicas.

Fornecem-se:

a) Indicações técnicas, orçamentos e planos.

b) Materiais para todas as obras e trabalhos referidos.

c) Dispositivos especiais para embarcações destinadas ao serviço colonial.

d) Tintas próprias para climas e águas tropicais.

Administração Central: — Cais do Sodré — LISBOA

Telefones | C. 1926 | Administração e serviço  
| C. 2992 | de transportes  
| C. 1588 | Oficinas, docas e obras

Endereço telegrafico:

“DRYDOCKS,,

# FUNCIONALISMO COLONIAL

JÁ por vezes, embora de passagem, se tem aqui salientado a necessidade de uma cuidadosa selecção do funcionalismo colonial, de forma a garantir a maxima eficiencia nos serviços de administração dos nossos dominios.

Como muito bem disse o sr. General Freire de Andrade, com toda a sua autoridade de colonial, é mister *escolher os homens para os lugares e não os lugares para os homens.*

Isso só será possível quando as nomeações se façam livremente, sem quaisquer pressões da politica partidaria e subordinadas exclusivamente ao valor dos homens e ás qualidades que possuam para o desempenho dos cargos a que se destinem.

O Estado tem mais que o direito, tem o dever de se defender contra os prejuizos que a administração causa a deficiente preparação do seu funcionalismo colonial. E esse dever, é mister que se cumpra, embora com sacrificio das conveniencias partidarias, que muito menos valem para o País, do que o desenvolvimento da riqueza das nossas colonias.

Mas por outro lado, e isto é o que hoje pretendemos salientar, o Estado tem igualmente o dever de não esquecer os seus servidores.

O que se está passando com uma grande parte dos funcionarios coloniais, excede tudo o que é licito conceber-se.

A vida nas nossas colonias, quanto não seja aquilo que foi e o que muita gente ainda julga, não deixa de representar um sacrificio, sobretudo pela falta de comodidades que, em geral, oferece.

Se ha alguns meios, já providos de recursos de toda a ordem e em condições de sanidade que permitam, sem gravame, uma permanencia prolongada, outros ha em que o clima e a deficiencia dos meios de defesa, originam um grande desgaste de energias a quem neles permaneça, gravando-lhes no organismo a marca indelevel da sua perniciosa acção.

Para esses meios, que são a maior parte, vão homens prestar ao País o seu esforço, mais ou menos util; vão funcionarios que, na quasi totalidade, visam obter, para os seus, uma melhoria material, apresentando a desconto, para assim dizer, uma parte da sua existencia ou pelo menos da sua saude.

E são homens desses, que nas colonias passaram uma grande parte

da sua vida, que por lá dispenderam o melhor da sua energia, alguns com valiosos serviços, que agora se veem em face duma situação deploravel, sem recursos, descrentes da assistencia do Estado, que lhes não paga, e resolvidos até a recorrer a processos que, deprimindo-os a eles, ferem profundamente o decôro do País. Na metropole e nas colonias dezenas de funcionarios do Estado pedem o pagamento dos seus vencimentos em atraso, desses vencimentos que são a unica compensação do esforço dispendido, dos serviços prestados e da saude perdida.

Tal situação não pode prolongar-se, sem que daí advenham graves consequências para o País.

Que dedicação se pode esperar dos funcionarios que comecem, se se lhes deixar entrever, como futuro, a situação de miseria em que se encontram aqueles que os precederam? Como pode o Estado esperar que os seus funcionarios se fixem, se interessem sinceramente pela administração e não vão ás colonias no intuito exclusivo de conseguir alguns proventos em pouco tempo, se eles sabem que

a permanencia prolongada nas colonias e o maior dispendio de energias em seu serviço lhe trarão como unico resultado a perda da saude e... o esquecimento oficial?

Para o sr. Ministro das Colonias, que foi funcionario colonial e que deve saber bem os grandes sacrificios que isso por vezes representa, apelamos em nome de todos esses servidores do Estado e em nome da justiça, para que uma solução pronta seja dada a esta mais que lamentavel situação.

O Estado tem o dever de exigir aos funcionarios coloniais todo o seu esforço e toda a sua dedicação; deve seleccioná-los de forma a beneficiar quanto possível a administração colonial; deve punir implacavelmente os que prevariarem; emfim o Estado deve defender os seus interesses e direitos, que são o de todos nós; para o fazer, porém, precisa de revestir-se de toda a autoridade moral e esta faltar-lhe-ha, desde que deixe de ter pelos seus servidores o reconhecimento que lhes é devido, deixando-os numa situação de miseria, que a todos afronta.

## Ao sr. Ministro das Colonias

De Nova Gôa recebemos o documento a seguir transcrevemos, que supomos ser copia dum telegrama enviado ao sr. Ministro das Colonias e para o qual tomamos a liberdade de chamar a atenção de S. Ex.<sup>a</sup>.

E' como segue :

Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Oficiais e funcionarios civis signatarios servido Colonia Angola determinação Governo Republica ora reformados residentes India legalmente, encontram-se situação miseria por faltar meios sustentação propria e suas familias, instrução filhos, pagamento renda casas habitação, medicos medicamentos doença, debitos comercio. Governador India suspendeu pagamento seus vencimentos reforma, Janeiro ano 1922, por não receber fundos daquela Colonia (Angola). Maioria signatarios serviram Colonia India 22 anos e mais. Apela por isso V. Ex.<sup>a</sup> aliviá-los dessa miseravel situação autorisando Governador India credito extraordinario conta Angola ou mandar aplicar signatarios disposições alinea k) do Decreto 3:059 de 30 de Março de 1917 e Base 72 n.º 10

do Decreto 7:008 de 9 Outubro de 1920 (ambos vigor colonias) ficando esta forma muito reduzido encargo Angola minorando miseria e fome signatarios, suas familias.

Nova Gôa, 20 de Setembro de 1924.

Capitães Q. P. Forças Coloniais

*Valente Lourenço da Silva, Azpilqueta Minezes, Corrêa da Silva, Carlos Sousa Menezes, João Maria Martins, Ludgero de Noronha, Jayme Lopes Pereira, Martiniano de Souza, Filomeno Menezes, Joaquim Gomes da Silva, Claudio Xavier, João Lorena.*

Capitães-Medicos

*Valerio Dalgado Hldefonso de Souza, Primo de Menezes, Micael de Azevedo, Graciano Ribeiro.*

Funcionarios Civis

*Agostinho Dourado, Barros de Valadares, Luciano Leite Noronha, Albano de Sá, Caetano F. Noronha, Experião Dias, Noronha de Oliveira, Hypolito Dourado, Padre Mascarenhas, Francisco de Lemos.*

São, como se vê, mais alguns funcionarios que se encontram na triste situação que sugeriu as considerações que fizemos atraz.

# FOMENTO COLONIAL

Algumas considerações sobre o fomento agrícola, pecuário e aquícola nas colónias portuguesas

**F**OI em 1910 que os meus olhos caíram, pela primeira vez, nessa maravilhosa criação que é, em Java, o *Jardim Botânico de Buitenzorg*, e fiquei deslumbrado:—são 58 hectares de terras esplêndidas, onde vicejam e florescem e frutificam todos os produtos da flora insulindiana, num cenário de beleza e de graça, que não tem igual no mundo. Mas essa *beleza—como muito bem exprimiu A. Cabaton—não é senão a forma: a verdade e a utilidade são o seu fundo.* Com os seus jardins anexos de Tjikeumenh e Tjibodas,—onde se tenta e se

cheiam de sombras deleitosas. E também dali, tal como de Buitenzorg, dimanam para todos os pontos de Ceilão as sementes e as plantas, as lições e os conselhos, que fazem da agricultura um fecundo e vasto campo de receitas e não um campo amargo e amplo de desilusões.

Numa como noutra parte, são agrónomos, e botânicos, e químicos, e micologistas, e entomologistas, que, no seio da terra e nos laboratórios, estão ensaiando e vigiando tudo quanto á vida agrícola respeita, para que se cumpra o maximo na perfeição e rendi-

tos das colónias deixaram de consignar verbas para os serviços de agronomia, faltando apenas saber-se em que foi que se applicou o dinheiro gasto nos 48 anos de administração transcorridos após aquela data. Não ha nada, absolutamente nada, que acuse a diligencia ou o carinho dos homens que o Estado alimentou, ou que, a ter existido, não haja sossobrado. Em toda a parte, é simplesmente a audacia do colono que se destaca no povoamento agrícola das terras, lançado ás cegas nas explorações mais problemáticas.

Repare-se em Cabo Verde!... E' um grupo de ilhas onde as crises de fome se sucedem desde 1774, ceifando dezenas de milhares de vidas... e consumindo ao tesouro, em subsídios de socorro, alguns centenaes de contos. Quão menos nos haveria custado se o modesto programa de fomento delineado por Sá da Bandeira na sua interessante portaria de 20 de Agosto de 1855 já tivesse sido executado?—E decorreram 68 anos sem que se houvesse marcado a mão dum homem na realização da obra concebida!...

Olhe-se para S. Tomé!... São matas imponentes que o braço do colono transformou em maravilhas.

Mas onde se vê nela a acção do Estado orientando, vigiando e amparando a riqueza imensa que frutifica por aqueles montes de singular uberidade e se converte em oiro nos mercados que a solicitam?

Acaso bastará a existencia duma simples repartição, desajudada de jardins de ensaios e de laboratórios eficientes, para que se julgue cumprida toda a missão que ao Estado pertence?

Alargue-se a vista para Angola!... E' um mundo de promessas que se afirma em 1.255.775 quilómetros quadrados de territorio esplendido em toda a especie de culturas e oferecendo um campo vasto e farto para a colonização. Digam-nos onde é que nela se sente, expressa em frutos que se colham, o trabalho carinhoso e prestante dos tecnicos, que anualmente estão custando ao tesouro cerca de 300 mil escudos! Para que servem os seus agrónomos, acurvados sobre a secretaria dum gabinete, em cujo oleado não crescem as plantas, nem se avaliam as possibilidades, que só no campo podem ser experimentados?

Observemos o que se passa em Moçambique!... E' uma colónia devassa-



Produtos mestiços «Zebus»

estuda a aclimação de plantas exóticas que possam oferecer um valor provavel á agricultura e á industria,—e os seus laboratórios, e herbários, e museus, e bibliotecas, que sábios e eminentes dirigem, é uma instituição donde irradia toda a sciência que faz de Java a mais opulenta e a mais perfeita colónia de plantações que se conhece,—tão cheia de grandeza e de encantos que não ha alma que não ajoelhe, inebriada e cubiçosa, perante a sua magestade.

Mais tarde, em 1913, um feliz acaso fez-me subir, de Colombo, ao *Real Jardim Botânico de Peradeniya*,—*world-famed for their usefulness and their beauty*, e que, na sua formosura edénica, parece cultivado por mãos de fadas, tanto é o arranjo e a frescura das variegadas flores dos seus canteiros, das mimosas plantas das suas estufas, e até dos arvoredos e palmeiras que, em policromias de verde e oiro, o re-

mento das produções e o mínimo no insucesso ou na desvalorização das mesmas. E' o Estado amparando e desenvolvendo a riqueza de todos os que na exploração da terra empregam capitais, como tendo nela a sua própria riqueza. E' a organização scientifica a vassoirar os sobressaltos e perigos dum empirismo tateante, e, pela documentação, quasi transformando em certeza o que doutra forma não passaria de méra casualidade.

E—que tristeza!—isto que vi, transbordando de inefavel prazer, em duas colónias estrangeiras, ainda não pude vêr, mesmo num simples arremedo, em qualquer das colónias de Portugal... e ha uma apenas (a Guiné) que os meus olhos não conhecem. Porquê?..

—Foi pela lei de 7 de Março de 1876 que a cada provincia ultramarina se concedeu um agrónomo. E, desde então para cá, nunca mais os orçamen-

da pelas pupilas vigilantes de visinhos poderosos e cupidos, que não sabem perdoar as nossas faltas. Ali ao pé, na Africa do Sul, as granjas experimentais dos departamentos de agricultura estão demonstrando á sociedade a influencia decisiva que podem ter no desenvolvimento do país, mesmo quando as regiões são desfavorecidas pela aridez da terra e pela pobreza das aguas. *Groot-velei*, por exemplo, que até para colónia de leprosos fôra condenada, transformou-se pelo *dry-farming* num surpreendente campo de culturas. E o que é que Moçambique nos oferece de comparavel á obra do Estado no Natal, no Orange, no Transvaal, e até na Africa Oriental Alemã? —Ilucida-nos sobre o assunto, duma forma bem edificante, o severo artigo que o illustre e ex-Alto Commissario da Republica na Provincia, sr. dr. Brito

os *homens*, indo-se buscar as competencias onde quer que seja facil encontrá-las.

O futuro das colonias vale bem—creio eu—o sacrificio que porventura haja de fazer o nosso orgulho.

Ha muito que meditar na brilhante tese que, sobre fomento agricola, foi apresentada ao 2.º Congresso Colonial pelo illustre professor sr. Melo Geraides, e oxalá as suas considerações sejam devidamente ponderadas por quem nas suas mãos tenha poderes para lhes dar remedio.



E tambem não vamos mais adiantados no que respeita ao *fomento pecuário*...

Onde vemos nós as *estações zootécnicas* e os *postos de cobrição*, que ao

ra a sua expedição ás minãs de Monomotapa, faz importar cavalos, muares, e camelos da Arabia. E se alguma coisa de importante ha a realizar-se no sentido do fomento pecuario das colonias, creio eu que a indicação de Francisco Barreto deverá ser, entre todas, a mais digna de consideração.

De facto, nas nossas grande colonias de Angola e Moçambique, o problema máximo para o desenvolvimento da sua riqueza é, sem duvida, o problema dos transportes. O «preto», que tem sido o grande *animal de carga* como vitima da nossa incuria, precisa de ser poupado: os seus braços são necessários á exploração da terra. Aos gados cumpre-nos ir buscar os elementos de ligação entre os centros produtores e as estações dos caminhos de ferro ou os portos de embarque.

E gados ha que, sendo magnificos animais de carga (e até de sela e tiro), são, ao mesmo tempo, importantes valores economicos, que ás populações convira aproveitar: refiro-me ao *boi-zebu* (*Bos Zebu* ou *Bos indicus*) e ao *boi-karbau* (*Bos bubalus*), que tão relevantes e multiplas serviços prestam no Oriente, mas quero lembrar, mais especialmente, a *lhama* ou *tama* dos Andes (*Luchenia Lama* ou *Camelus Lama*), que, desde o Equador até as «pampas» argentinas, é o amigo presente e venerado do «indio» das montanhas.

O sr. Faria de Vasconcelos, no seu interessante livro «*Por terras d'além mar*», descreve a *lhama* em trez paginas tecidas de encanto e de ternura. Dele transcrevo as seguintes linhas esclarecedoras:



Alguns dos melhores exemplares de suínos africanos

Camacho, publicou em o n.º 7 desta «Gazeta».

Hão de dizer-nos que, serviços como os de Buitenzorg ou de Peradeniya ou da União Sul Africana, custam alguns milhares de libras anualmente e que tais despezas os nossos orçamentos não comportam. Mas a verdade,—a rigorosa verdade, por muito que me pése escrevê-la,—é que os nossos agrónomos, talvez por deficiências da sua preparação escolar, não são os homens de acção que as nossas colonias reclamam. Porque se o fossem, o dinheiro já gasto, quando parecesse insignificante para rasgar as avenidas e povoar os canteiros dum grande jardim, sempre teria bastado para criar alguma coisa que fosse util e digna de vêr-se, embora de modestas proporções, e... nada existe.

Já são demasiados os anos que passaram sobre uma experiencia que se manifesta cara, e improdutivo. E' de presumir, portanto, que os *processos* não mudem senão quando mudarem

Estado caberia montar para o estudo e melhoramento das raças locais, aclimação de raças exóticas e seus cruzamentos com as locais, bem como do tratamento e alimentação das raças pecuárias?

Nos velhos tempos, a Portugal coube um grande papel no povoamento pecuário das terras onde as caravelas da conquista iam aproando. O porão das suas naus não carregava apenas a metralha, que dominava os povos: tambem levava as cabras e as ovelhas, os porcos e as aves, que haviam de multiplicar-se nos sertões desertos para que mais tarde abastecessem de carnes frescas as tripulações que, pelos mares bravios, andavam em serviço da Patria e de Deus. Mas não foi só nisto que outrora se pensou:—em 1569, o capitão-general de Moçambique, Francisco Barreto, tem a noção exacta do papel que aos gados podia caber na resolução do problema dos transportes naqueles territórios imensos onde só abundavam as feras, e, pa-

«As lhamas são as bestas de carga do planalto e das montanhas; são elas que, em «piarras» ou rebanhos de 25 a 30 cabeças, transportam os minerais, os produtos agricolas, as mercadorias de toda a especie. Para elas não ha caminhos dificeis, nem chuvas, nem tempestades, nem sol, nem vento. Cumprem inflexivelmente o seu dever. Atraz delas vai o «lhamero» locando a sua «quena» que chora.

«Nos campos a lhama ajuda a lavar a terra. Mas não é só o seu trabalho e o seu esforço que ela fornece. Da sua lã, fiada, tecida e tingida pela mulher, tira o indio os seus fatos, as suas mantas e as cordas de que precisa. Com a pele da lhama fabrica as mantas e as sandalias; os ossos entram no fabrico dos instrumentos de musica ou de diversos utensilios; da carne, salgada, da lhama, faz o in-

«dio, com as batatas, o milho, as favas, a sua melhor alimentação. E para que nada se perca, os proprios excrementos são utilizados como combustível; é a «laquia» que se emprega como tal não só nas choças do indio, mas nas casas confortaveis das cidades».

Erradamente se pensou outrora que no camêlo estaria a solução do problema dos transportes. E foi dinheiro inutil aquele que se gastou nos que, desde 1839, foram transportados para Angola. A *thama*, que em dois curiosos exemplares se pode vêr no nosso Jardim Zoológico, é-lhe incomparavel-

possuir melhores qualidades, era também um melhor produtor de lã.

Nós... quedamo-nos a vêr o que os outros fazem, e nem sequer sentimos sacudidelas do brio para os imitarmos.

Quando olhamos para traz, comparando o que outrora fizemos com aquilo que depois da dominação filipina temos feito, quasi nos convencemos de que as boas energias da raça foram embarcadas por Filipe I na *Grande Armada* que Lord Effingham, em 1588, destrôçou nas costas de Plymouth, afundando-se com os seus navios. E ficou-nos apenas... a tagarelice castelhana.

O fomento pecuário tal como o fomento agrícola e tudo quando é fo-

*aquicultura*... parece que a desconhecemos. E, todavia, temos aqui, em Portugal, a estação aquícola do Ave a demonstrar-nos como, sem largos dispendios, se poderá colher grandes resultados.

Em Angola, por exemplo, a *aquicultura* constitue uma necessidade. Os rios do planalto são pouco piscosos e de inferior qualidade as especies que neles se colhem. E compreende-se o quanto a sua falta se tornará sentida pelas populações do *hinterland*, onde o peixe não chega senão em latas ou atados, prejudicado no seu valor nutritivo e no sabor.

A Austrália, desde 1852, lutou com a maior perseverança para introduzir e aclimar o salmão e a truta nas suas



Trabalhadores indigenas ceifando o trigo

mente superior em qualidades e beneficios. Pode transportar 80 a 120 libras e caminhar todo o dia, comendo e bebendo pouco, durante mezes inteiros. Fornece leite abundante e saboroso; dá 70 a 160 libras de carne excelente; e, além da pele magnifica para botas finas e impermeaveis, produz, anualmente, 12 a 14 libras de lã.

O governo australiano, numa intelligente compreensão do extraordinario valor da *thama*, ofereceu 10.000 libras de prêmio ao seu primeiro introdutor. Ganhou-as um homem de vontade forte, Ledger, que, após cinco anos de esforços, conseguiu desembarcar em Sidney com 260 cabeças, em 20 de setembro de 1878. Seguiram com elas as suas plantas preferidas,—a *elala* ou *siccé*, que é a luzerna americana. E, alguns anos depois, obtinha-se na Australia, pelo cruzamento da *thama* com a *alpaca*, um hibrido que, além de

mento nas colonias é uma coisa que se *giza* nas repartições... ficando-se á espera que a Providência, caminhando sobre catastrofes, algum dia tudo resolva com a sua graça. Se as epizootias dizimam os gados,—não aparece ninguém que lhes acuda. Se os colonos precisam de reprodutores,—não ha estação que lhes forneça. Se algum criador necessita de conselhos,—são-lhe dados os que toda a gente pode lêr nos livros e revistas da especialidade.

Poderá isto continuar assim?

...E até quando? Até quando?



Um outro ponto que julgo conveniente abordar, por ser um interessante capitulo da *higiene publica* nas colonias, é o povoamento dos rios. Ainda nada fizemos nesse sentido. A

águas. Iam os ovos de Liverpool e de Londres.

E hoje, a truta e o salmão não só abundam na Austrália, como também na Tasmânia e Nova Zelândia.

Além destas espécies, ha ainda as carpas e o *gurami* da Maurícia que se recomendam para o povoamento.

E honroso seria o gesto dos governos coloniais que tivesse como resultado... a criação duma estação aquícola, convenientemente dotada, para que aos rios fossem levados os peixes de que carecem.



O que aí fica, são apenas reparos e sugestões de quem ás colónias muito quere e ainda não perdeu a esperança de as vêr rolar em outros eixos...

A. Leite de Magalhães



# Moçambique

## COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

**D**OS territorios de Manica e Sofala, que desde 1891 estão sob a administração da *Companhia de Moçambique*, recebemos o seguinte telégrama, que transcrevemos na integra:

Reeditando inumeras reclamações anteriormente apresentadas e infelizmente sem minima resposta até este momento população deste territorio representada numero superior trezentos europeus mais uma vês se dirigiu intendente Governo Republica afim apresentar extensa exposição denunciando arbitrariedades e permanente desprezo assuntos interesse publico bem como protesto contra pezadissimas taxas e impostos agravados pelo facto companhia Moçambique não ter executado ha muitos anos minimas obras beneficio população.

Igualmente protestar contra inqualificavel violencia e gravissima provocação praticada pela companhia Moçambique mandando força cincoenta praças indigenas dissolver assembleia ontem em que algumas centenas nacionais e estrangeiros estavam pacifica ordeiramente tratando assuntos interesse proprio dentro disposições legais. Violencia atingiu cumulo ser dada ordem preparar fogo sem que tivesse havido minima alteração ordem população novamente reclama energicamente contra processos administrativos companhia Moçambique só inspirados seus negocios e interesses com gravissimos prejuizos para administrados.

População reclama pois intervenção imediata Governo afim compellir companhia Moçambique cumprimento exacto seus deveres declarando não mais confiar repetidas promessas nunca efectivadas e bem assim não desistir insistentes reclamações até serem plenamente atendidas.

População disposta manter mais absoluta calma esperando afim conservar esta não continuará lamentavel desatenção.

Apoiando estas reclamações todo commercio navegação e caminhos ferro estão paralisados.

No Ministerio das Colonias, onde procurámos informações. houve conhecimento dos factos passados na Beira, por via dum telegrama que, recebido na Presidencia da Republica, para ali foi enviado.

Sobre o assunto ainda não foi tomada qualquer deliberação, mas é de esperar que o sr. ministro das Colonias entregue o caso ao Governo da Provincia, para ser acompanhado com a atenção que requer.

Informações particulares, que reputamos seguras, revelam-nos que as reclamações, que mais insistentemente apresenta agora a laboriosa população do territorio, incidem sobre: o regime monetario; distribuição da mão de obra indigena; regulamento de concessões de terrenos e imposto do sêlo.

Parece ter-se chegado a uma plataforma, que se nos afigura rasoavel, e que é a da constituição duma comissão mixta, composta de três representantes da população e três da Companhia, sob a presidencia de uma entidade eleita pelos vogais, e que parece deverá ser o Juiz de Direito da comarca, sr. dr. Ferreira da Fonseca.

Os representantes da população serão os srs. dr. Ferreira de Almeida, Oliveira da Silva e Cairo, três acerrimos e intelligente defensores dos interesses publicos; a Companhia de Moçambique será representada pelos seus funcionarios, dr. Gonçalves Videira, Junqueira Rato e Mateus Peres, em cujo são criterio ha que confiar.

E' de crer que pela formula adoptada se chegue a algum resultado util e isso é mister que se consiga para se terminar com uma situação que profundamente deve afectar o progresso do territorio.

A criação da Companhia de Moçambique imposta por uma urgente necessidade politica, foi inspirada num intuito de defesa da integridade do dominio português e dos direitos dos nacionais.

E' indispensavel que esse intuito presida constantemente a toda a sua acção administrativa.

Que se não perca isto de vista e

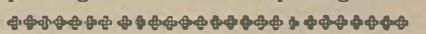
que, sem intransigencias nem malquerenças, se procure a melhor forma de conciliar os interesses, a que erradamente se está emprestando uma feição de antagonismo, quando no fundo, bem compreendidos, são comuns.

Temos fé que isto suceda e para que se chegue ao desejado resultado porêmos todo o nosso esforço, procurando encarar o assunto com a maxima imparcialidade e sem predisposições.

E, fieis a este proposito, não terminaremos sem registar o nosso protesto contra a intervenção da força indigena a que se refere o telegrama que recebemos.

As consequencias que uma tal attitude poderia originar; os gravissimos prejuizos que ela deve causar na disciplina, invertendo as boas normas da politica a seguir com os indigenas, levam-nos a condenar, em absoluto, esse acto de força, que, de resto, as circunstancias não impunham.

Tais processos são sempre para reprovar e sobretudo no caso sujeito, em que foram postos em pratica contra homens trabalhadores, cuja acção tem largamente contribuido para o progresso do territorio, e que para a prosseguirem têm de ser prestigiados.



PROCURAM REPRESENTANTES  
— PARA A VENDA DE —  
PERFUMARIAS, PASSAMARIAS  
E ARTIGOS DE PAPELARIA — —

Cruz Marinho & Castanheira, Limitada  
RUA GOMES FREIRE, 87-1.º — LISBOA



Companhia Nacional  
DE  
PRODUTOS COLONIAIS, L.ª  
Rua dos Fanqueiros, 15 — LISBOA  
*Transações sobre cacau,  
câfé, cera, coconote e couros*

# CULTURA DO ALGODOEIRO

## INSTRUÇÕES PRÁTICAS

(Continuação)

- 73—Para o expurgo em pequena escala:  
Em caixão, barril ou vasilha semelhante, perfeitamente fechada, colocam-se as sementes a tratar, e sobre elas uma vasilha rasa contendo 30 grms. de sulfureto de carbono, como acima ficou dito, tapando-se completamente a vasilha assim carregada, que só será aberta depois de 12 a 24 horas.
- 74—Ao executar o expurgo, toda a precaução é pouca; não se deve permitir absolutamente a aproximação da menor porção de fogo á camara, emquanto em funcionamento, pois o sulfureto de carbono é inflamavel e explosivo.
- 75—O nosso agricultor pode lançar mão de um bom processo para a preparação da semente, que consiste em fazer uma decoada de cinza e deixar as sementes de molho durante algumas horas e, em seguida, fazer a sementeira.
- 76—Alguns agricultores, em outros paizes da America, costumam dar ás sementes, uns dias antes da sementeira, um banho numa solução de cal e cinza com o fim de auxiliar os fenomenos da germinação.
- 77—Colocando-se as sementes de molho, algumas delas, por serem chôchas ou vasias, ficam á tona d'agua. Estas devem ser despresadas porque não germinam e só podem servir como adubo.
- 78—Em S. Paulo, pôde-se semear de fins de agosto até todo o mez de novembro; entretanto é preferivel adiantar a demorar.
- 79—Convém estudar bem a climatologia da região, afim de evitar que a maturação venha a coincidir com a época de fortes aguaceiros, com as chuvas continuas ou mesmo com os meses em que caem as geadas.
- 80—As geadas cahidas em meado de julho deste ano (1918) prejudicaram as maçãs novas, que não abrem mais. Assim, pois, é conveniente semear em condições de se poder dar por concluida a safra por todo esse mez.
- 81—Para se poder dar por concluida a safra de algodão em julho, deve-se preferir variedades precoces e semear por todo o mez de outubro.
- 82—A questão das geadas impõe ao cultivador de algodão dar preferencia ás variedades precoces e adiantar o mais possivel a sementeira.
- 83—Se possuissemos variedades precoces de quatro meses, poderíamos semear até fins de dezembro, porque a colheita poderia ser feita até principios de maio, sem receio da surpresa das geadas.
- 84—Plantando-se cedo o algodoeiro a colheita poderá ser concluida nos primeiros meses do ano, o que permitirá fazer uma cultura de plantas de breve ciclo vegetativo, taes como o feijão.
- 85—Nas zonas onde em agosto caem alguma chuvas, convém iniciar as sementeiras nesse mez.
- 86—Cuide-se o mais cedo possivel, do replante, para não complicar os trabalhos culturaes e especialmente os da colheita.
- 87—Não se plantem grandes areas todas de uma vez; convém fazer plantações espaçadas, para não haver aperto na época da colheita, porque esta operação demanda muita gente para não se sacrificar a operação.
- 88—A quantidade de sementes a confiar ao solo depende especialmente:
- 1.º da sua qualidade;
  - 2.º da riqueza do solo em azoto;
  - 3.º da distancia das covas;
  - 4.º do metodo da sementeira feita á mão ou com maquina;
  - 5.º do numero de plantas que se pretende deixar em cada cova.
- 89—Quando as terras são muito ricas em azoto, quando são muito ricas em materia organica, como as terras novas, deve-se semear largo, empregando-se, por isso, menor quantidade de sementes.
- 90—Uma boa cultura deve oferecer para cada cova um espaço disponivel de um metro quadrado pouco mais ou menos, cabendo assim 10.000 para cada hectare, ou 24.200 para cada alqueire paulista.
- 91—A sementeira pode ser feita em sulcos ou covas alinhadas: o alinhamento das plantas, além de outras vantagens, favorece o tratamento do algodão quando invadido pelo coruquerê.
- 92—Semeando-se em linhas de 1<sup>m</sup>,20 por 0<sup>m</sup>,80, sobre essas mesmas linhas cabem 12.500 covas para cada hectare, ou seja 30.750 para cada alqueire.
- 93—Na sementeira empregam-se uns 50 litros de sementes, pouco mais ou menos, dependendo isto de muitos factores, taes como a distancia das plantas, a qualidade da semente e o modo de semear.
- 94—A sementeira com semeadores mecanicos gasta alguns litros a mais de sementes do que quando se faz a sementeira á mão.
- 95—Nas terras aratorias e quando não se queira semear com o semeador, pôde-se traçar sulcos com sulcador, fazendo-se nele as covinhas que deverão receber as sementes.
- 96—Nas terras fôfas, semeia-se á profundidade de 5 a 6 cms. E' prudente não cobrir demasiadamente os carços porque, se assim se fizer, perde-se muita se-



mente e atrasa-se a cultura, que, além do mais, não amadurece por egual.

97—A fase de germinabilidade de semente de algodão dura de 6 a 12 dias quando não lhe faltarem as condições favoráveis de calor e humidade.

VI — GUIDADOS CULTURAES

98—Um dos outros grandes cuidados que deverá ter o plantador de algodão é fiscalisar constantemente os algodoeiros. Os grandes cultivadores fariam bem em manter um fiscal para visitar diariamente as culturas, para determinar os serviços mais urgentes e dar o alarme quando descobrir o aparecimento do coruquerê.

99—A capação ou poda apical deve ser feita toda a vez que a planta tende a crescer demasiadamente no sentido vertical. Esta operação facilita o desenvolvimento da planta e faz aumentar a produção.

100—Quando a sementeira é feita com semeador mecânico, torna-se preciso fazer mais de um desbaste, obedecendo-se em tudo ás normas acima especificadas.

101—No desbaste, deixa-se uma ou duas plantas, (as mais robustas), dependendo isto especialmente da distancia das covas e da fertilidade do terreno.

102—Com as capinas fazem-se, ao mesmo tempo, as amontoas, que só podem trazer grandes beneficios ao algodoeiro.

103—Costuma-se dar trez ou quatro limpas ao algodoeiro, fazendo-se a ultima antes que comecem as fases da fructificação. Nas terras bem expurgadas consegue-se manter limpo o algodoeiro apenas com trez capinas.

104—São cuidados culturaes de maior importancia na cultura do algodoeiro as capinas, o rareamento ou desbaste das plantinhas e a capação ou póda apical.

VII — CULTURA DO ALGODOEIRO NO CAFEZAL

105—A cultura do algodoeiro no cafezal tem agora toda

a razão de ser, visto que, com a geadas, os cafeeiros, ficaram muito prejudicados.

106—Cultivando o algodoeiro nos cafezaes, aproveitamos as suas terras, mantemol-os em actividade de cultura e teremos, com a sua produção os recursos de que tanto carecemos para a sua reconstituição.

107—Cultive-se de preferencia, uma só carreira em cada rua de café, embora se plante mais junto nas respectivas carreiras.

108—Nos cafezaes novos ha quem prefira plantar duas linhas. Neste caso sejam as covas de cada linha um pouco mais afastadas.

109—Nas ruas do cafezal, façam-se as covas de modo que elas fiquem, nas linhas, á distancia de 60 a 80 cms.

110—Em cada 1.000 pés de café podem-se ter 4.000 covas, cuja produção média póde ser de 20 até 80 arrobas, pouco mais ou menos.

111—Em Tatuhy conseguiram-se 180 arrobas de algodão em um talhão de 1.800 pés de café de seis annos.

112—Pondo-se trez a cinco sementes em cada cova, serão suficientes de 6 a 10 kgs. de sementes para cada talhão de mil cafeeiros.

113—Faça-se o replante logo que as plantinhas tiverem nascido e o desbaste quando elas tiverem atingido um palmo de altura.

114—A capação do algodoeiro é conveniente que se faça toda a vez que haja uma só carreira em cada rua do cafezal.

115—Uma outra vantagem que resulta da cultura do algodoeiro no cafezal é que, ao tratar dessa planta, poderemos vêr e melhor acudir aos cafeeiros nas suas necessidades.

116—Acredita-se que, neste anno de 1918, dos 800 milhões de cafeeiros, em cêrca de 300 milhões será plantado algodão, o que virá a multiplicar a area até agora cultivada, elevando-a a um total de cêrca de 100 mil alqueires.

(Continúa).

Seromenho, Silveira & Carvalho, L.<sup>da</sup>

Codes: A. B. C. 5.ª Edition et BENTLEY'S

Calçada de S. Francisco, 23, 2.º

Telegramas: SOSICAR — LISBONNE

Especialidade em conservas de peixe

LISBONNE

Specility preserved fish

Fabricas nos melhores sitios de pesca

Especialité en conserves de poissons

Factories on the best fishing spot

Fabricações esmeradas

Usines sur les lieux de pesche

Highest quality

Qualité choisée

Luso-Colonial, Ltd.<sup>a</sup>

RUSSIO, 93, 3.º

LISBOA

Códigos | Ribeiro  
A. B. C. 5.ª Edição.

Tele | fone NORTE 812  
gramas MILABREU

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

VINHOS DE CONSUMO E LICOROSOS

CONSERVAS, GENEROS COLONIAIS

Dão REFERENCIAS BANCARIAS — Pedem correspondentes nas colonias portuguezas

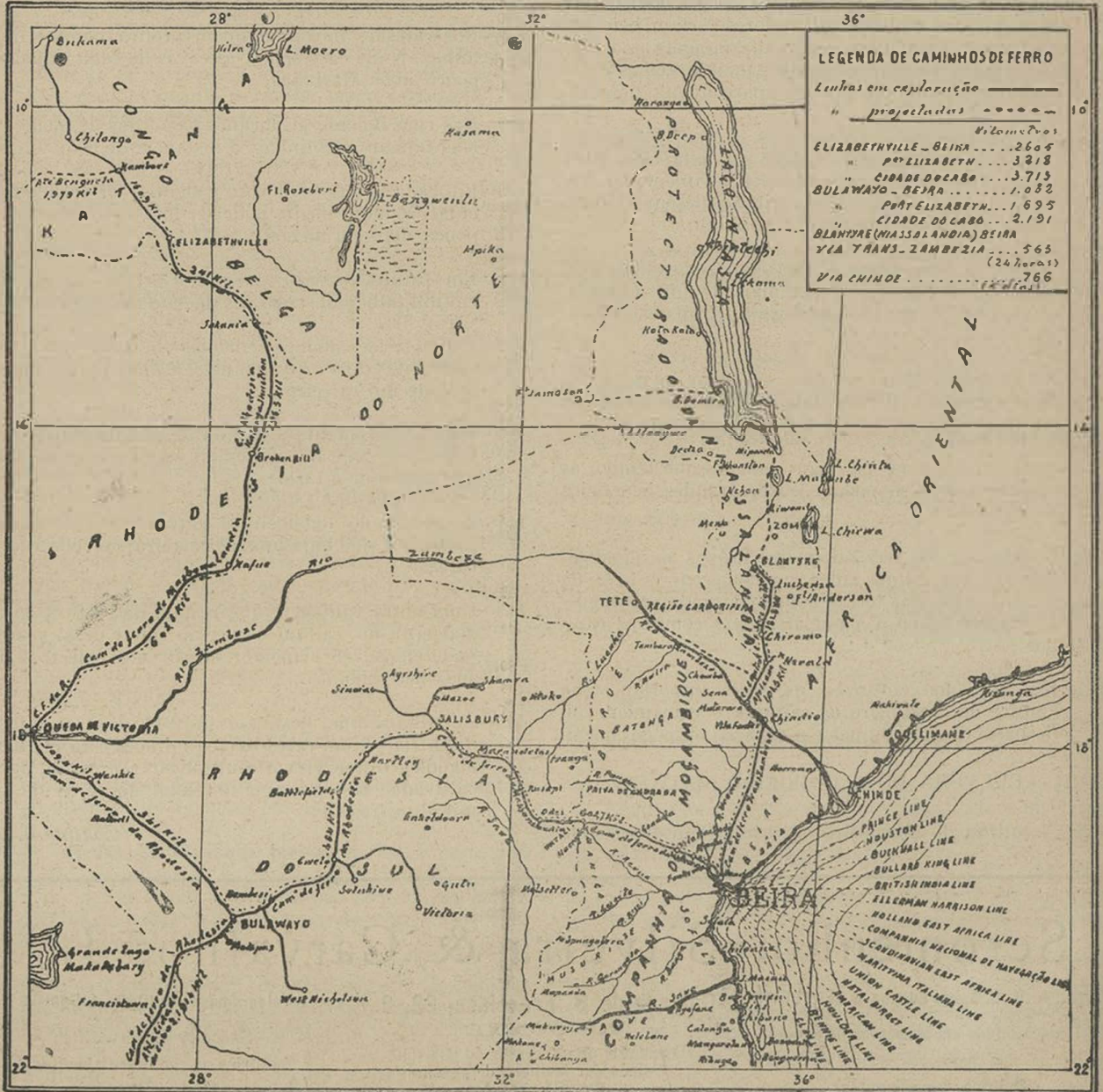
Agentes nas principais praças europeias.

Sucursal em ANVERS. Longue Rue Neuve, 16

# Companhia de Moçambique

## Comunicações Ferro-Viarias — BEIRA

Porto dos territórios da Companhia de Moçambique e o principal da Rhodesia do Norte e do Sul-Katanga Belga. — Protectorado da Niassalândia e vale do Zambeze



### Exportação de milho da Beira

Durante o ano de 1923 foram exportados pelo porto da Beira 1.250.000 sacas de milho. Desse numero 797.000 sacos provinham da Rhodesia e 387.000 do territorio da Companhia de Moçambique. Estes importantes embarques indicam que a Beira está mantendo a sua posição de segundo porto cerealifero da Africa meridional e oriental

# JOSE CARLOS DA MAIA

«Pode beijar-me, não matei ninguém...»

Nestas palavras de José Carlos da Maia, ao abraçar sua velha mãe, uma vez vitoriosa a revolução que implantou em Portugal o regime republicano e na qual ele tinha tido actos de inexcusável coragem, sintetiza-se o seu

tantos sacrificios, o premio que maior valor tinha para o seu coração de filho e de homem a quem não perturbavam vaidades ou ambições.

Constantemente nortejada por esta isenção, por esta nobreza, decorreu a vida de José Carlos da Maia, até que numa hora tragica, numa dessas horas

ainda, num acesso de revolta, contra essa cobardia que fez derrocar a felicidade duma familia, que a tantos roubou um grande amigo e que a Portugal levou um filho, dos que mais dedicadamente e com mais honra o têm servido.

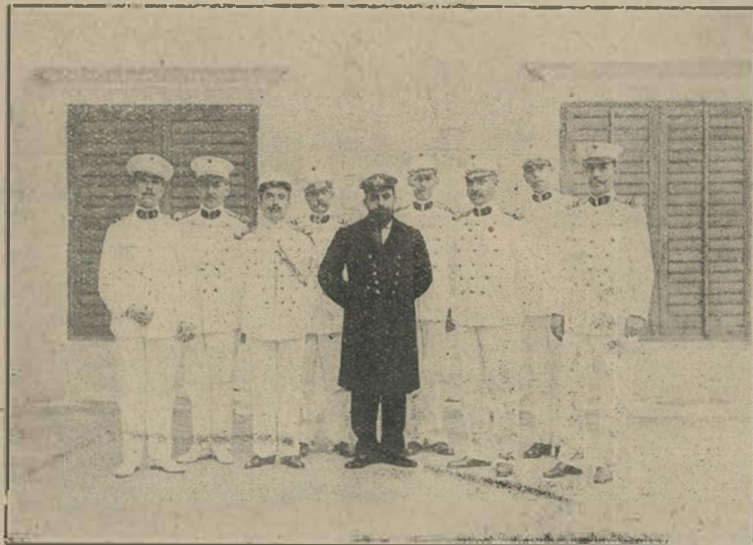
No dia 19, passa o terceiro ano sobre o tragico desaparecimento dessa grande figura de republicano e de patriota, que foi o comandante José Carlos da Maia.

Os seus amigos, que são todos os que tiveram ensejo de conhecer os primores do seu caracter, a grandeza da sua alma, sempre inclinada ao bem e sempre aberta a todo o apêlo justo, prestam nesse dia, á sua memoria, uma merecida e justa homenagem, a que a *Gazeta das Colonias* não pode deixar de se associar ferverosamente.

Fazendo-o, cumpre um dever.

Mesmo mantendo-se no campo restrito da acção que a si propria talhou, á *Gazeta* assiste esse dever, porque o comandante José Carlos da Maia, pela sua inolvidavel acção como governador colonial, impoz-se ao respeito e conquistou o direito á mais profunda admiração de todos os que ás colonias se dedicam.

A figura de José Carlos da Maia, a cuja memoria prestamos respeitoso culto, é conservada no espirito de todos os que adentro da *Gazeta das*



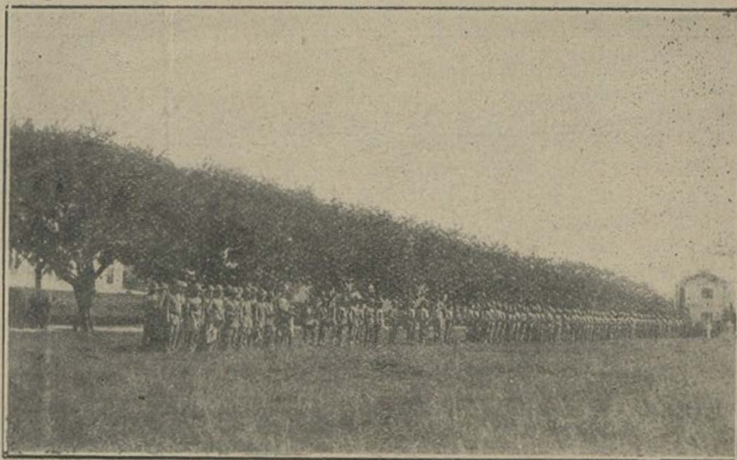
MACAU—José Carlos da Maia, com a officialidade do «Corpo de Voluntarios».

caracter de eleição, a grandeza da sua alma.

Nas horas febris de luta em que, para fazer vingar o ideal que ha tantos anos dominava o seu espirito, arriscava a carreira e expunha a vida num admiravel desprendimento: naquela heroica abordagem do navio chefe, onde tudo fazia prever que a defesa fôsse levada ao extremo; em todos os lances: nos momentos de esperança como nos de incerteza, sempre José Carlos da Maia foi dominado por um inquebrantavel respeito pela sua honra, pela honra de soldado valente, generoso, a quem a violencia repugnava.

Terminada a luta, quando a multidão vibrava de entusiasmo na aclamação dos paladinos da Republica vitoriosa, emquanto porventura alguns iam alardear pretensos heroismos, preparando situações adentro do regime que nascia, José Carlos da Maia corria para junto de sua mãe, a desfazer os receios e os escrúpulos daquela alma de que lhe tinham vindo os generosos impulsos e a receber num beijo materno a recompensa de

que enodôam uma sociedade, o assassinaram verdadeiras feras, a quem não era dada a compreensão de



MACAU—«Corpo de voluntarios de Macau», fundado por José Carlos da Maia.

quanto havia de grandeza, de bondade, de infantil ternura, naquele homem de arcabouço de hercules.

Vão passados três anos e trememos

*Colonias* trabalham, como um nobre exemplo, como um guia a seguir nesta tarefa de engrandecimento das nossas colonias, a que nos dedicamos.

# JOSÉ CARLOS DA MAIA

## NA MARINHA

Entrámos juntos para a Escola Naval, vindos da Polytechnica de Lisboa, em 1897. O nosso curso de marinha foi o *grande curso*; grande no numero, porque nunca entrara para a Escola Naval um tão grande numero de aspirantes, e grande na amizade, porque já-mais curso algum de marinha deu camaradas ligados por tanta dedicação e tanto afecto.

O Maia, na Escola, foi um estudante trivial. O nosso curso tinha gente de grande talento, como o Trajano Quedes, que morreu tão

feitas com os jornais que noticiavam a nossa promoção. no terreiro do «Peixe Frito», ante a elegancia veraneante que passeava, ao som da musica da banda militar, e sob olhos de régias pessoas, numa alegria tão escandalosa que a musica suspendeu e um official do régio sequito interveiu convidando-nos a uma prudente retirada.

Espèrava esse grupo alegre de umas duzias de rapazes cheios da mesma esperança e do mesmo entusiasmo, os destinos mais diferentes.

da vida publica, escondido depois no seu lar affectuoso e morto por fim, assassinado pelos marinheiros, pelos proprios companheiros de luta e de sonhos, pelos homens da sua querida Marinha!

Da carreira de official de José Carlos da Maia, o que direi?

Fê-la ainda, quasi toda, nos tempos das antigas estações navais, nas colonias. Passou os primeiros anos em Angola, naquela calma Divisão de Angola normalmente amaldiçoada pela sua monotonia, mas que duas duzias de rapazes da nossa mocidade enchia naqueles anos de alegria. Esteve em Cabo Verde, na China e navegou longamente no velho «Pero de Alemquer», de que o Comandante Macieira fazia uma inegualavel escola, e onde Carlos da Maia se fez um grande official de navegação e de manobra.

Após o 5 de outubro Carlos da Maia transitou de um salto dos seus modestos galões de 2.º tenente para os de official superior. Coube-lhe um cruzador para comando, e Carlos da Maia foi nesse comando o official que a sua bela escola preparára. Serviu no Estado-Maior da Marinha, e os Anais do Club Militar Naval alguns estudos tecnicos publicaram dessa curta fase da sua carreira. Foi finalmente Ministro da Marinha, e nunca o tivesse sido, porque a paixão que desvairra, que tanta cegueira tem deramado neste nosso Portugal, cavou nos dias d'esses menses o abismo em que a sua bondade, o seu amor á arma, tudo ficava soterrado e occulto.

A cegueira foi imensa, a cegueira d'ele e a cegueira dos que, no amigo que êle sempre fôra, passaram a vêr um inimigo.

E nunca mais se fez a luz...

E a carreira do Maia, tão bom, tão amigo dos companheiros, tão amigo da Marinha, acabou nesses dias.

HENRIQUE CORREIA DA SILVA.  
(Paço d'Arcos)



MACAU—Bairro em Tap-Seac mandado construir pelo governador José Carlos da Maia, com destino a funcionários e ás classes pobres

novo em Angola; tinha extraordinarias capacidades de estudo a auxiliar belas inteligencias, como o Bon de Sousa, que é hoje banqueiro em terras estrangeiras, e o Sacadura, que Portugal inteiro sabe quem é; tinha grandes cábulas, dos quais alguns deram depois esplendidos officiais. O José Carlos da Maia era da hoste numerosa das que levaram o curso sem saliencias mas que, ao fim dos três anos da tabela, estavam confundidos com cábulas e com *penachos* numa amizade que todos igualava, despedindo-se da farda de aspirante, após um banquete estrondoso num hotel de Cintra, saltando fogueiras

Andam por metade talvez os que como eu seguiram até hoje regularmente a carreira, não sem accidente, é claro. nestes tempos movimentados que temos atravessado, mas emfim nesta rotineira ascensão de vinte e quatro anos. Alguns alcançaram a grande heroidade, outros a grande fortuna, houve quem ganhasse a paz do tumulo das aguas, quem, em plena mocidade tivesse a sepultura em terras de muito longe. Mas de todos os destinos o mais estranho, foi o do Maia, modesto no seu principio, aureolado um dia por um grande feito e pela benemerencia da Patria, guindado ao fastígio



JOSÉ CARLOS DA MAIA

(O quadro reproduzido nesta gravura foi oferecido pelos chineses residentes em Macau ao hospital, como testemunho de gratidão pelas bemfeitorias nele realizadas pelo Governador José Carlos da Maia e a que a legenda, em caracteres chineses, se referem com rasgados louvores.)

# JOSÉ CARLOS DA MAIA

## E AS COLONIAS

A homenagem, que um grupo de amigos do valoroso comandante Carlos da Maia vai prestar, em 19 do corrente, á sua memoria, não quiz deixar de se associar a «Gazeta das Colonias» dedicando-lhe algumas paginas do presente numero, para as quaes, na apreciação da sua ação como colonial distinto que foi, procurou a minha modesta colaboração.

Bem merecia, a missão que me foi atribuída, pela justa necessidade de se lhe dar um relevo especial sem paixões de qualquer especie, ser confiada a quem para tal reunisse as condições precisas: todavia, perante o facto que uma insistencia, a que não devia deixar de aceder, deu por consumado, procurarei, com a indiscutível verdade das referencias que reuno, n'este artigo, atenuar os excessos que derivem da natural influencia da amizade sincera que me ligou a Carlos da Maia e suprir as diligencias, que em mim reconheço, para enaltecer condignamente a sua obra como colonial, as quaes só por amabilidade foram esquecidas no convite que recebi.

A Carlos da Maia, prestigiosa individualidade da Republica, figura lendaria de heroe cuja bravura foi posta em destaque na abordagem ao cruzador «D. Carlos», homem d'honra na mais ampla aceção do termo, politico desinteressado de benesses mas extremoso pelo bem estar nacional, chefe de familia exemplar e carinhoso, amigo leal e dedicado, deve o Ultramar Portuguez a promulgação de varias disposições que muito o beneficiaram e que o cuidadoso cotejo da nossa legislação colonial revela em toda a pureza das suas nobres intenções e acertados propositos.

D'essas disposições, que em parte, figuram como de outras autorias e, em parte, se encontram firmadas com o seu nome acreditado, quando

ministro e governador, e que foram a resultante já de trabalhos proprios a que emprestou o melhor das suas atenções e intelligencia, já de sugestões e instancias persistentemente feitas junto de dirigentes, já de determinações dadas a subordinados, já da perfilhação conscienciosa de alvitreos estranhos que acolheu com entusiasmo, merecem alusão especial — a par das que derivaram do interesse manifestado pela reorganisação dos serviços colonias centrais e dos da marinha colonial, pelo restabelecimento das missões religiosas no ultramar e por algumas justas concessões a fazer ao funcionalismo que n'ele serve, — as que respeitam: á autorisação para um emprestimo por conta de Angola, com destino aos serviços do Caminho de Ferro de Loanda; á preparação de disposições com o objetivo de serem subsidiadas e nacionalizadas as missões de instrução e educação que, por tratados internacionaes, possam ter funcionamento nas nossas colonias; á adopção de medidas protecionistas do desenvolvimento da agricultura na Guné; á facilitação do pagamento das pensões ás familias dos militares de terra e mar em serviço nas colonias; e, notavelmente, entre outras mais, á iniciativa rasgada da transformação de Macau de que, com fundadas razões, tanto se orgulhava e que, justamente apreciada, lhe rendeu o titulo de «cidadão benemerito» da colonia e os unanimes honvores dos seus habitantes europeus e chinezes, das nossas mais importantes colonias de população espalhadas pelo Extremo Oriente e das autoridades estrangeiras vizinhas, perante as quaes sempre collocou, cheio de prestigio, o nome de Portugal.

Por Macau não pôz apenas em evidencia as suas qualidades empreendedoras, quer, primeiramente, sendo governador, quer, mais tarde, sendo ministro, no impulso e desen-

volvimento dado ás obras de vulto de que a Colonia carecia, como as do seu porto, cuja efetivação se lhe deve, da consequente conquista de terrenos que consideravelmente aumentaram a área local, da extinção dos bairros insalubres e outras de saneamento, da edificação de habitações para funcionarios e classes pobres, do rasgamento de avenidas e construção de parques, da aquisição de material para a defeza dos canaes da barra, para os serviços maritimos de fiscalisação e policiação, etc.; cuidou tambem da montagem e reorganisação de muitos serviços de interesse nacional ou regional, como os de defeza militar, instrução, assistencia e hospitalisação, incendios, etc., deixando, nas corporações criadas, nos edificios construidos, nos organismos reguladores dos seus funcionamentos e no material com que a todos dotou, vestigios indelevelis da sua notavel ação; manifestou ainda uma habilidosa conduta politica para assegurar o bem estar da Colonia na sua vida interna e na mais conveniente vida de relações, a ponto de receber captivantes provas de simpatia e deferencia dos governos locais proximos, d'entre as quaes destacarei uma mensagem do Presidente Sun-Yat-Sen que em devido tempo foi tornada publica aqui na metropole e pela qual o mesmo, em nome de todos os republicanos chinezes, lhe expressou o muito apreço em que foi tido o tratamento dispensado aos refugiados politicos n'uma epoca de sérias convulsões por que a China passou; realisou, enfim, uma administração honesta e zelosa dos dinheiros de Macau, applicando cautelosamente as disponibilidades então existentes nos seus cofres, ao mesmo tempo que estabelecia e n'eles fazia entrar novas e importantes receitas para poderem ser satisfeitos os encargos de todos os trabalhos referidos e de ou-

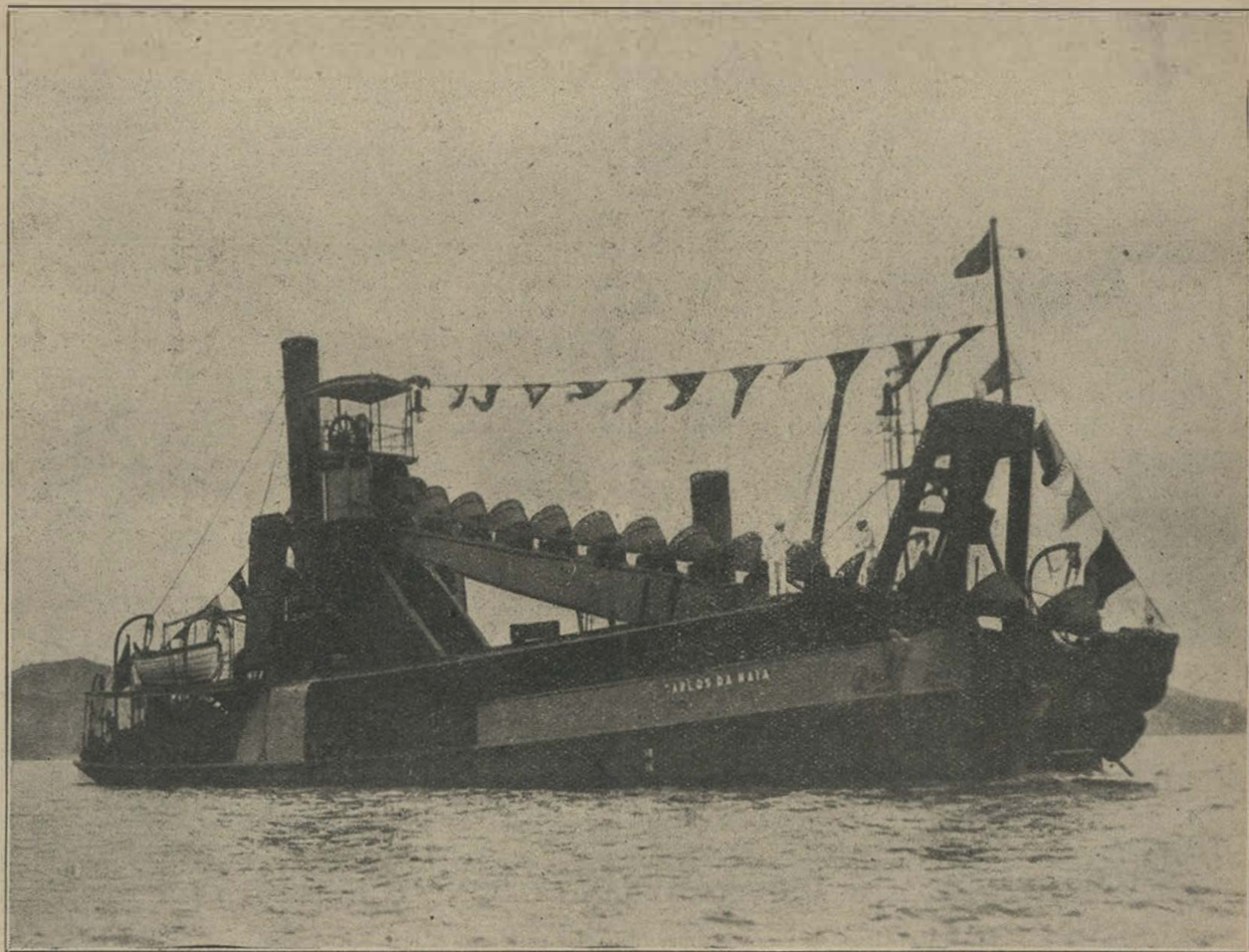
tres futuros que estavam previstos e foram considerados de imperiosa necessidade.

Barbaramente arrancado, Carlos da Maia, por ocasião da tragedia sanguinolenta de 19 de Outubro, ao convívio dos seus compatriotas, a todos deixou privados do muito que d'ele ainda havia a esperar para

na mente dos que depressa o esqueceram, tendo a indeclinavel obrigação de jamais assim procederem, que a eles, apesar de não dever a Carlos da Maia outra coisa que não fôsse a honra d'uma amizade que sempre apreciei, me não associo na ingratição revelada atravez do silencio que fazem em volta do seu no-

foi vitima o malogrado Carlos da Maia e sempre dispostos a testemunharem o alto apreço em que o tiveram.

Apelando para os nobres sentimentos d'essa pleiade de homens dignos, julgo oportuno sugerir-lhes a idéa de se perpetuar na Colonia a memoria do governador, a quem ela



MACAU — Draga «Carlos da Maia», mandada adquirir por José Carlos da Maia, quando Governador

hem do paiz e do regimen e que, no ambito restrito dos cuidados que sempre lhe mereceram os assuntos colonias, deixo enumerado resumidamente nas linhas que acabo de escrever.

Traduzem elas a minha admiração pelas faculdades de trabalho de que, esse prestimoso cidadão, grande portuguez e honrado republicano, era dotado; e, por certo, vão avivar

me e do abandono a que votaram os entes queridos que n'este mundo deixou e ainda hoje pranteiam dolorosamente a sua morte injusta e horrosa.

Felizmente, o numero d'estes esquecidos não é grande e com satisfação registo que n'ele não figura um unico dos meus conterraneos de Macau, que eu sei revoltados contra o hediondo crime de que ha tres annos

tanto deve, em condições de serem bem patenteadas, para as gerações actuaes e vindouras, a repulsa que em todos do seu tempo causou o cruel atentado de que foi vitima e o reconhecimento, que é de se lhe tributar, pelo amor com que sempre cuidou dos interesses locais.

João Tamamim

# SOMBRAS

**P**assam-nos em mente as sombras dos nossos mortos—evocações daqueles que findaram, enchendo-nos a Vida do Passado—feixe de recordações.

Passam algumas, rápidas, fugitivas, esboços confusos que o Tempo dia a dia mais vai desfazendo; são as sombras dos que atravessaram a nossa existência sem

Numa época de ambições e interesses, tendo vivido em meios e exercido cargos onde as tentações não faltam, era de tal envergadura a couraça da sua dignidade, a nobresa dos seus sentimentos, que essas paixões mesquinhas jamais o atingiram. Tinha escrúpulos de consciencia que a muitos pareciam «esquisitices» e quando, como sempre, triunfava na sua maneira de

cimentos. E no entanto gostava de obsequiar, mas em vez de alardear serviços, conservava-se incógnito e não poucas vezes se ignorava donde partia o empenho que conseguia o bom exito de uma pretensão. Para satisfação propria bastava-lhe a alegria para que havia contribuido. Sei de amigos que foram galardoados por serviços, graças apenas á sua intervenção;



MACAU—Grupo de Escoteiros instituido pelo Governador, José Carlos da Maia

a penetrarem, sem a viverem,—convívio em que a alma não entrou—reservada e discreta.

Outras, porém, tanto na imaginação se destacam que quasi de novo as vemos, tal como outr'ora, resoando-nos ainda ao ouvido o timbre da sua voz. Essas são as daqueles cujos gostos e ideais mais compreendemos, porque os sentimos e cujo espirito está como aureolado de qualidades, de virtudes que pouco a pouco vamos conhecendo e admirando:—os amigos.

Carlos da Maia pertence a este número. E ao vê-lo em meu pensamento com tal nitidez, chego a duvidar de que haja já tres anos que uma pavorosa tragedia aniquilou para sempre aquele hercules—misto de abnegação e coragem, inteligente e bondoso,—alegre como uma criança, cheio de esperanças como um rapaz, sabendo querer como um verdadeiro homem.

ser, voltava para a sua modestia tão desanuviado, tão satisfeito, como se uma grande fortuna o houvesse bafejado. E bem o sabem todos que morreu pobre.

Factos da sua vida que assim o retravam, ha-os inumeros, Lembra-me, ao acaso, de um que bem o define:—Quando Governador em Macau, foi enviado a sua Esposa, como recordação da sua passagem por ali, um estojo contendo valiosissimas joias. Ele, que como marido extremosissimo, que era, desejava poder cobri-la das mais ricas pedrarias, entendeu, porém, dever recusar tão magnifico presente e por tal forma o fez, com tais palavras, que não era possível o ressentimento.

—«Para recordação—disse—basta-me o estojo»—E apenas com esse ficou, efectivamente.

Amigo, como ninguem, incomodavam-no os protestos de gratidão, os agrade-

pois só depois da sua morte o souberam. Contudo, como se mostrava reconhecido ás mais pequenas atenções, destas que tocam a alma e que só quem tem «alma» sabe compreender!

Do seu valor, da sua coragem, da sua energia incontestaveis, outros o poderão promenorisar, melhor do que eu, que não tive a pretensão de traçar em meia duzia de linhas a alta individualidade moral de Carlos da Maia; não. Não o poderia fazer em tão curto espaço, nem me sobra a competencia para o realisar. Apenas quiz exarar aqui o preito de saudade por um verdadeiro Amigo.

Evoco-o hoje, como tantas vezes, e mais uma vez me confrange aquela barbara e aviltante morte. Com ela perdeu o seu lar um esposo e pai amantissimo, o exercito um braço leal e valoroso, e a Patria—Um Português!

SIMÕES BAIÃO.



# CORRECTIVOS DA GRANDE GUERRA NO IMPERIALISMO EUROPEU

(Conclusão)

Toda a inspiração da minha palavra neste momento é acentuar que ambos esses problemas, o da mão d'obra e o do progresso das colonias, mesmo na vigência do Tratado de Berlim (cujo texto, fiel á maxima de Talleyrand, *ocultou o seu pensamento*) tiveram em Portugal um tratamento simultaneamente conforme á nobreza da alma luzitana e ás ideias que haviam de vingar no Tratado de Versailles, o qual, com todos os seus defeitos, é uma reacção magnífica e absolutamente legítima contra o espirito de ganancia, que motivou a guerra e foi prisioneiro dela, inconscientemente promovendo uma deslocação da riqueza, retida hoje pelos proletários de ontem. E' uma amostra admiravel dos cuidados dispensados ao trabalho indigena a nossa colonia de S. Tomé e Príncipe, onde—já ha 26 anos—o vice-consul da França medizia poderem alguns trabalhadores europeus invejar, não só o regime de trabalho e a assistência hospitalar, mas o relativo conforto em que ali vive, dentro das suas barracas de madeira, o trabalhador indigena das fazendas agricolas. E, sem qualquer ideia de acentuar uma preferéncia, é-me grato referir neste momento que, já ha 26 anos, se apresentava como uma das modelares, sob esse ponto de vista, a fazenda *Boa Entrada*, ainda hoje, e felizmente, propriedade do nosso illustre consocio e director, o sr. Henrique de Mendonça. Não ha ainda um ano que o Alto Commissario de Angola fez reunir em Loanda, com um exito superior ao encargo orçamental que representou para a provincia, um congresso internacional de medicina tropical, que, se não teve por objectivo único a hygiene, a profilaxia e a terapeutica das doenças, indigenas, não descurou o problema da assistência clinica ao trabalhador africano, infelizmente ainda num estado rudimentar quanto a providencias sanitarias do governo local.

A vastidão do territorio, quinze vezes superior ao da Metropole, e a exiguidade dos recursos financeiros, não permitiram ainda um recenseamento da população, aproximado da verdade, porque, socorrendo-se, quanto á população indigena, do arrolamento das *cutatas*, organizado para o lançamento do imposto do mesmo nome, hade necessariamente sentir-se da natureza desse imposto, que não é, como o *mussôco* de Moçambique, um imposto de capitação, mas um imposto predial incidindo nos *fôgos* ou habitações indigenas. Com este defeito deve ainda somar-se a escassês das vias de comunicação no interior da nossa Africa continental, onde só muito recentemente, e pela diligente e vigorosa acção do Alto Commissario sr. Norton de Matos (contraditoriamente combatida em Portugal pelos que para a metropole preconizam o imperio de um ditador), esse problema teve um começo de solução, pelo estabelecimento de uma rede de estradas de consideravel extensão, ligando os mais importantes centros de população e produção no interior de Angola. Em Moçambique é ainda difficil e morosa a comunicação com o Interior da provincia, não obstante haver penetrado até aos limites do territorio a administração civil, mesmo no distrito de Moçambique, onde é relativamente recente a occupação militar levada a efeito pelo então governador do distrito, sr. Massano de Amorim.

Fica-nos, entretanto, a impressão de

assim se haver principalmente cuidado de assegurar condigno rendimento a empresas lucrativas de origem capitalista, mesmo quando no *regime das terras* (subordinado, desde 1901, a diplomas legais em que se conhece a intervenção do notaval geometra e patriota que foi o sr. Bellegarda da Silva, se não deixa em esquecimento o capitulo das *reservas indigenas*, E, orçando hoje por quantia avultada a receita cobrada do imposto indigena, não seria demais que também entre nós se adoptasse o sistema seguido na União Sul-Africana, que não ministra directamente, mas subsidia, a instrução ao indigena em estabelecimentos de ensino livre.

Em todos os alvites que proponho, eu dejejo apenas que se não persista no erro de supôr que nos interesses immediatos do capital se cifram todos os interesses em jogo no territorio da colonia. Rememorando um passado de grandeza e heroismo, não me desconsola o presente, mas apraz-me falar aqui, principalmente, a linguagem do futuro. Poderão objectar-me que é, para este momento de aguda crise economica, uma linguagem demasiadamente idealista. Mas, meus senhores, os congressos scientificos, que não legislam, limitam-se a exprimir, como o proximo Congresso Colonial Nacional, promovido pela benemérita Sociedade de Geografia de Lisboa, aspirações mais ou menos concretas e de maior ou menor viabilidade. Ninguém dirá que a victoria dos nossos aliados, na recente guerra europeia, não foi, sobretudo, uma obra de justiça e uma obra da sciencia.

Quando os alemães se encontravam já ás portas de Amiens, a dois passos do estreito de Dover, compeliu-os ao armistício, não apenas a resistencia das tropas aliadas ou o valor do seu comando unico; venceu-os, mais do que a bravura militar, a sciencia do marechal Foch, professor eminente e espirito profundamente cristão que na justiça dos oprimidos achou estímulos para deter a investida do agressor. Os oprimidos fomos nós todos os que, sem distincção de procedencia, combatemos do lado de cá do Rheno. Se o baptismo de fogo cria entre os homens uma solidariedade comparavel ao nivelamento que resulta da morte, ha uma condição para a igualdade humana em vida: é a identidade dos valores mentais. Não ha o direito de recusar o sufragio á mulher letrada, como não ha a obrigação de lhe beijar a mão só porque é mulher. O «feminismo» é, para a opinião dominante neste momento, uma idea tão insensata como a da *liga africana*, nacional ou internacional.

E, contudo, eu creio firmamente que a opinião dominante é que está errada. Escreveu um publicista francez que, estando em desfavor a mulher e o operario nos codigos europeus, legislados pelo marido e pelo patrão, só pela violencia contra uns e outros será possível aos lesados modificar a situação: do mesmo modo que, só tornando-se *fortes*, conseguem os *fracos* fazer-se respeitar.

Se, convencido d'esta verdade, o capitalismo se não dispuzer a transigir, de modo a evitar a accumulção de fortunas, em contraste com a miséria do maior numero, será este o que amanhã se erguerá como um revoltado, para ditar a lei pela violencia, não o tendo conseguido pela persuasão. E' o caso do Japão perante o colosso

russo, obrigado a render-se, no seu próprio territorio, ao comunismo agrario, que ha sete anos ali assegura o regime dos *soviets*, não obstante todos os seus exageros e o ambiente hostil, que, por isso, lhe faz, em todo o mundo, o capitalismo internacional; e é também o caso do Transvaal e o da Irlanda ante o poderio inglez, abatido a ponto de na U. S. A. se encontrar em mãos de *afrikanders* de origem holandeza o governo da colonia nominalmente ingleza.

Reza a historia de Angola que, n'um predio urbano da cidade de Loanda, visinho da casa que, muitos anos depois, ali habitei, se recolhiam no vasto quintal os escravos destinados pelo proprietario, negreiro de profissão, ao trafico do Brazil, e foi ali que, ao repousar no fim de um banquete, na mesma faustosa sala onde fora servido, o apunhalou mortalmente um serviçal indigena. O trafico de escravos era, a esse tempo, uma das formas do capitalismo. Aboliu-o em Portugal a corrente das ideias, de que foi apenas uma expressão a vontade energetica do grande marquês de Sá da Bandeira.

Como esse bravo militar o foi nas nossas lutas liberaes, afirmou-se também um valente cabo de guerra, em igual combate n'uma arena mais vasta, o marechal Foch, mas com ele colaborou, do outro lado do Atlantico, o presidente Wilson, que, restituído à simples qualidade de cidadão, teve na sua morte, ainda ha pouco, a consagração universal.

Na orientação futura da nossa politica —perdõem-me V. Ex.<sup>as</sup> que o repita—basta lembrarmo-nos de que, quem venceu a guerra, não foi a poderosa empresa Krupp, mas a tenacidade espartana de Foch e o idealismo antigo de Wilson.

**MANTUA, Ltd.**



**29 a 37**  
**Calçada de S. Francisco**  
**LISBOA**

**SEGUROS**

«PORTUGAL PREVIDENTE»  
A MAIOR GARANTIA

*Martimos (condição inglesa S. S. A.)  
Costals, Ferrestres  
e Vida (todas as combinações)*

**SEGUROS EM LIBRAS**

Rua do Alecrim,  
10—LISBOA

# P. Santos Gil, Limitada

Importadores de Material Telegrafico e Material Ferro-Viário de toda a espécie:  
**LOCOMOTIVAS, ZORRIS AUTOMÓVEIS, CARRUAGENS, TRACTORES AGRICOLAS, ETC.**

Conserva stocks permanentes para entrega imediata

FABRICANTES | *Koppel Industrial Car & Equipment Co., Ltd.*  
*Pennsylvania Car and Manufacturing Comp.<sup>a</sup>*

## Secção de construções

Ladrilhos e Azulejos em lindos desenhos e cores  
 Murolo «Murite», preservativos de madeiras em  
 variadas cores, telhas e chapas de asbestos, etc.,  
 das melhores marcas.

## Secção de Madeiras

Possuimos um armazem, para entrega imediata,  
 madeiras da Provincia das melhores qualidades, em  
 pranchões, barrotes e taboas, assim como travessas  
 para caminhos de ferro, paus para minas, etc.

## Secção de Productos

Compramos e exportamos toda a qualidade de  
 productos da Provincia, tais como: Milho, Mapira,  
 Copra, Amendoim, etc.

Estancias e Armazens Alfandegados ao Kilo-  
 metro 1 para Deposito de Mercadorias.

Officinas de Serração, Fabrica de Mobílias,  
 Portas, Janelas, Aros, etc. movidas a Electricidade.

TELEFONES | Escritorio 400  
 Estancia 493

LOURENÇO MARQUES

# SOUSA MACHADO & C.<sup>A</sup>

SEDE EM LOANDA

ANGOLA--CABO VERDE—GUINÉ—LISBOA

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

:: PRODUTOS COLONIAIS ::

:: CEREAIS DE ANGOLA ::

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Representantes privativos na Africa Ocidental Portuguesa da:

**FORD MOTOR COMPANY**

E. U. A.

Representação e Importação exclusiva de carros de turismo, camio-  
 netes, tractores FORDSON. accessorios e sobressalentes

:: FILIAL EM LISBOA ::

RUA GARRETT, 62, 2.<sup>o</sup>

FILIAIS NO:

**LOBITO**  
**HUAMBO**

END. TELEGRAFICOS:

PARA ANGOLA—SOMA  
 PARA LISBOA—SEGUE

# DESPORTO

ARTUR  
INEZ

## Nota Preambular

*Afinal, a Liga Portuguesa dos Amadores de Natação não tomou, em face dos lamentáveis incidentes decorridos nos encontros de «water-polo» em 1.ªs categorias, entre o Sporting e o Algés e Dafundo, aquelas medidas de critério são, que a gravidade do caso exigiam. Pelo contrario: a Liga parece que andou a brincar.*

*Depois de confessar numa nota enviada á imprensa, por sinal bastante prolixa, que o arbitro do primeiro encontro sr. José de Carvalho não tinha interpretado como devia, os regulamentos e tinha porisso prejudicado o Sporting, elogia-o mais abai-*

## FOOT-BALL.

Abriu já o Campeonato de Lisboa e não se pode dizer que abriu com chave d'ouro. Quanto muito, talvez abrisse com chave de chumbo... por que os ares no dia 12 estavam um tanto pesados.

O Imperio que nos apareceu este ano a jogar na 2.ª divisão, como aliás lhe competia, venceu nitidamente por 3 goals a 0 o União Lisboa, de Santo Amaro, que está ainda muito fraquinho para estas avarias...

Foi um jogo fraco de parte a parte, mas em que o Imperio mostrou claramente uma nitida superioridade.

O outro encontro da tarde era o mais importante e colocava frente a

candidato a guarda-rêdes internacional.

Não sei se o rapaz tomará a serio esseslouvaminheiros baratos. O que sei é que estas coisas podem estraga-lo e aí temos assim mais uma illusão perdida...

—O Sporting Club Olhanense, campeão de Portugal em foot-bal jogou em Palhavã contra o Bemfica, num desafio de beneficencia. Coube-lhe a victoria por 2-1, mas a verdade é que essa victoria não foi das mais nitidas e concludentes.

As suas bolas resultaram dum *penalty* discutivel e dum pontapé enviado por um jogador que nos pareceu deslocado.

O Bemfica por sua vez tambem jogou mal e se se tivesse verificado um empate de zero bolas, seria este o resultado mais logico.



A primeira categoria do «Lusitano Foot-Ball Club», de Evora

xo pela sua conscienciosa arbitragem!

*Isto é realmente espantoso e faz-me sorrir daqueles puritanos que se amofinam com a frase da opereta: les portugais son toujours gais...*

*Este critério inexplicavel e risivel da Liga levou o Sporting a uma deliberação violenta: o abandono de todas as provas organisadas pela Liga, que pelo visto não liga nenhuma a estas coisas.*

*E' bastante deploravel a attitude assumida pelo importante club do Campo Grande. Mas o que nos parece ainda mais condenavel é a cómica attitude dos dirigentes da requintada Liga, que, pelo visto, não teem a mais leve noção do que seja uma... conscienciosa arbitragem...*

A. I.

frente o Sporting Club de Portugal e o Casa Pia Atletico Club. Toda a gente, no entanto, supunha, e nós eramos desses, uma facil victoria para o onze do Campo Grande. Mas tal não aconteceu. Os rapazes casapianos puzeram um tal entusiasmo, um tal ardôr na luta, que embora o Sporting tivesse merecido a victoria, porque jogou mais e melhor, se verificou um empate de uma bola.

O entusiasmo e o ardor dos Casapianos foi por vezes ao ponto duma violencia escusada... e exagerada.

O Casa Pia apresentou dois elementos novos e prometedores, Rodrigues e Roquete. Mas estão ainda longe de atingirem aquela categoria que marca os verdadeiros virtuosos do balão redondo.

Não obstante isto, há já quem para aí queira apresentar Roquete como

## BOX

—Vão realizar-se por estes dias importantes combates de box em Faro e Olhão, organisados por um distinto desportista que tem oferecido o melhor do seu esforço e da sua bolsa em prol do desenvolvimento do sport em Portugal.

—O comité organisador de combates fechou já contrato com Sons, campeão da Europa dos meios pesados, que combaterá no Coliseu com Salcedo, campeão argentino que em 30 combates, que tantos são os da sua carreira, tem 26 victorias por K. O.!

## Revista de Fotografias

“FOTO-SPORT”

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR MEZ

O magazine mais completo

da especialidade

SÉDE: R. Industriaes, 7 e 10

LISBOA

Assinaturas para as Africas

10 numeros

33\$00

Quando as febres palustres deixam de obedecer ao quinino, deve empregar-se a «Paludina», que dá excellentes resultados nas febres palustres-biliosas e perniciosas. Pedir instruções a «Sanitas»—T. Carmo, 1—Lisboa.

**SÁ LEITÃO & C.<sup>A</sup>, L.<sup>DA</sup>** R. DA MADALENA, 45, 1.<sup>o</sup>  
**LISBOA**  
— Teleg.: "MONDEGO" — Lisboa —

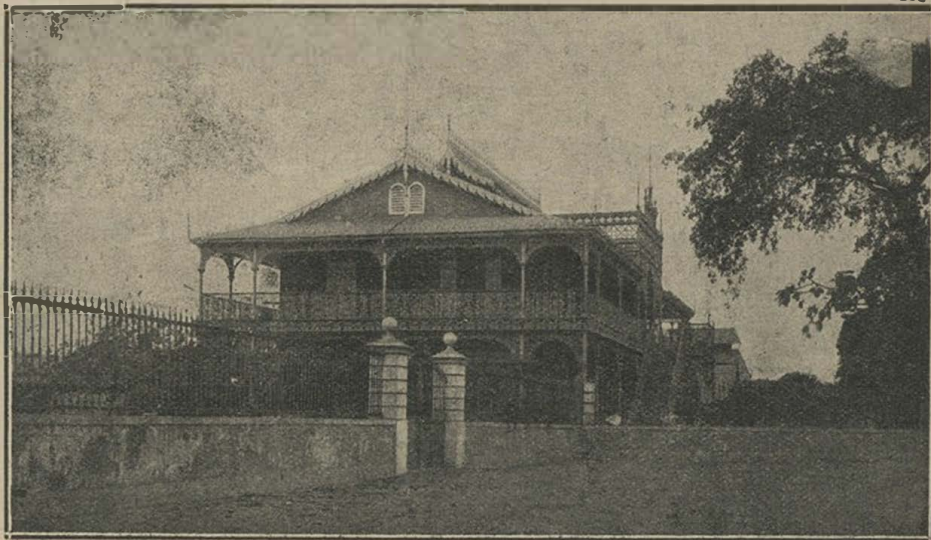
## Importação e Exportação

directa das suas casas em **ÁFRICA** de todos os produtos de **ANGOLA** (África Ocidental Portuguesa)

Café, Cacau,  
Coconote, Óleo de  
pálma, Urzela.  
Borracha, Cera de  
abelha Goma  
copal, Marfim etc.

Em deposito para  
fornecimentos:

Fazendas, Quinquilharias,  
Géneros alimentícios, Fer-  
ramentas, Vidros, Óleos e  
variadíssimos artigos da in-  
dústria nacional e estran-  
geira



DEPENDENCIAS DE LOANDA

# A CONSTRUTORA, L.<sup>da</sup>

Capital realizado: 2.500.000\$00

Séde em LOBITO

CAIXA POSTAL N.º 10

Filial em BENGUELA

CAIXA POSTAL N.º 32

Delegação em LISBOA: Rua dos Fanqueiros, 235, 2.<sup>o</sup>-Esq.

Telefone n.º 2772

Telegramas | Rodrivalho — LISBOA  
Construtora — LOBITO

GERENTES EM:

**ÁFRICA**

Sousa Lara & C.<sup>a</sup> Ld.  
Joaquim Duarte

**LISBOA**

José Rodrigues de Carvalho  
Mariano Machado

Deposito de materiais no Lobito e Benguela

*Encarrega-se de construções no Lobito e ao longo do Caminho de Ferro  
desde o Lobito até ao Bié (Silva Porto) kilometro 627*

# COTAÇÕES

## TITULOS

TITULOS	Em 4 de Out. de 1924			Em 11 de Out. de 1924			TITULOS	Em 4 de Out. de 1924			Em 11 de Out. de 1924			
	OFERTAS			OFERTAS				OFERTAS			OFERTAS			
	Efectuado	Dinheiro	Papel	Efectuado	Dinheiro	Papel		Efectuado	Dinheiro	Papel	Efectuado	Dinheiro	Papel	
<b>Div. interna fundada</b>														
As. tit. 20.000\$00	—	—	—	—	—	—	<b>Companhias</b>	—	—	—	—	—		
As. tit. 1.000\$00	3 <sup>1</sup>	33	—	33	—	33,50		<b>Caminhos de ferro:</b>	—	—	—	—	—	
As. tit. 500\$00	28,70	28,50	28,70	29,80	29,80	—		Nacional	—	—	18\$00	—	—	18\$00
As. tit. 100\$00	28,60	28,50	29	29,50	29	—		Beira Alta	40\$00	—	—	—	40\$00	—
Coupon tit. 1.000\$00	—	—	33,50	33,10	—	—		<b>Coloniais:</b>	—	—	—	—	—	—
Coupon tit. 500\$00	—	—	—	—	—	—		Açúcar de Angola	—	160\$00	167\$00	144\$00	—	—
Coupon tit. 100\$00	—	—	—	32,50	—	—		Agric. Bela Vista	83\$00	83\$50	—	—	—	—
Emp 3 0/10 1905	9,50	—	9\$40	—	9,00	—		Cazengo	—	460\$00	470\$00	—	—	440\$00
Emp 4 0/10 1888	—	14\$00	14\$50	—	14,50	—		Agric. Ganda, Soc	166\$00	—	—	—	—	164\$00
Emp 4 0/10 1890 c	—	—	—	—	—	—		Agric. Príncipe, E	—	10\$50	—	10\$50	—	10\$50
Emp 4 1/2 1888-89 as	—	27\$00	—	—	28,00	—		Agric. Ultramarina	—	—	170\$00	—	—	160\$00
Emp 4 1/2 1888-89 c	—	30\$00	—	—	31\$00	—		Agric. Colonial Soc	—	—	—	—	—	255\$00
Emp 4 1/2 1912 ouro	—	—	—	590\$00	600\$00	—		Amboim	—	84\$00	86\$00	77\$00	—	82\$00
Emp 5 0/10 1909 c	—	—	—	—	37\$00	—		Boror	—	—	215\$00	200\$00	195\$00	205\$00
Emp 5 0/10 1917 c	—	36\$50	—	38\$51	38\$00	39\$00		Cabinda	5\$00	5\$00	5\$10	5\$00	5\$00	5\$05
Emp. 6 1/2 1923 ouro	408\$00	406\$00	—	404\$50	404\$00	404\$50		Colonial Buzi	144\$00	143\$50	144\$00	122\$00	—	125\$00
Externas 1ª serie	470\$00	—	475\$00	510\$00	512\$00	514\$00		Congo Português	—	15\$00	26\$00	—	15\$00	26\$00
Externas 3ª serie	—	—	—	530\$00	—	530\$00		Ilha do Príncipe	370\$00	—	—	357\$00	365\$00	358\$00
Cautelas da 3ª serie	570\$00	—	—	—	—	—		Luabo	—	—	—	—	—	—
Obj Div Prov de Angola 3 0/10	—	—	70\$00	—	—	70\$00		Moçambique até ao n.º 1.222.221, inc.	—	—	—	—	—	—
<b>Acções</b>														
<b>BANCOS:</b>														
Alentejano	—	—	—	73\$00	73\$00	—		Nyassa	—	—	10\$00	—	—	10\$50
Aliança	—	—	—	—	—	—		Sri de Angola	—	65\$00	72\$00	—	—	—
Colonial Português, p.	60\$00	—	63\$00	—	—	58\$00		Zambezia do n.º 500.001 a 600.000	—	—	—	—	14\$00	—
Colonial Português, a.	—	50\$00	—	—	48\$00	—		<b>Obrigações</b>	—	—	—	—	—	—
Colonial Português c.	—	56\$00	62\$00	58\$50	58\$50	—		<b>Caminhos de ferro:</b>	—	—	—	—	—	—
Comercial de Lisboa	—	—	295\$00	—	—	276\$00		Através Africa 5 0/10	194\$00	—	195\$00	194\$00	—	—
Credito Nacional	—	88\$00	—	—	88\$00	95\$00		Beira Alta 3 0/10 2.º grau	—	—	—	—	—	—
Industrial Português c.	—	—	—	—	—	—		Benguela 5 0/10	870\$00	860\$00	875\$00	830\$00	—	—
Industrial Português a.	—	—	—	—	—	—		Norte e Leste 3 0/10 1.º gr.	—	138\$00	—	—	—	—
Lisboa & Açores	495\$00	492\$00	500\$00	485\$00	—	483\$00		Norte e Leste 3 0/10 2.º gr.	—	43\$00	—	—	—	—
Nacional Agricola c	—	58\$00	64\$00	58\$00	57\$50	58\$00		<b>Diversas:</b>	—	—	—	—	—	—
Nacional Agricola p	—	—	60\$00	—	—	58\$00		Águas 4 1/2 0/10 c.	—	—	44\$00	—	—	44\$00
Nacional Agricola a	—	50\$00	—	—	48\$00	—		Banco Nacional Ultramarino 4 1/2 a.	—	—	—	—	—	—
Minho	—	266\$00	270\$00	265\$00	—	270\$00	Banco Nat. Ultramarino 4 1/2 0/10 c. (ouro)	—	—	—	—	—	—	
Nac. Ultramarino, a.	200\$00	—	—	196\$00	—	—	Banco Nat. Ultramarino 6 1/10 h.	—	—	—	—	—	—	
Nac. Ultramarino, c.	221\$00	—	223\$00	221\$00	221\$00	221\$50								
Popular Português	—	—	24\$00	—	—	24\$00								
Portugal	774\$00	773\$50	776\$00	798\$50	797\$00	800\$00								
Português e Brasileiro	—	89\$57	92\$00	—	—	90\$00								
<b>Companhias</b>														
<b>Diversas:</b>														
Nacional de Navegação	231\$00	230\$50	232\$00	239\$00	238\$00	239\$00								
Pesca e Transportes	—	45\$00	50\$00	—	—	—								
Cimentos de Leiria	40\$00	40\$00	—	—	—	—								
Credito Predial	—	—	—	—	—	29\$50								

### Produtos coloniais

### Cambios

PRODUCTOS	Quant.	Em 4 de Out. 1924		PRODUCTOS	Quant.	Em 11 de Out. 1924		Cotação oficial	Em 4-10-1924		Em 11-10-1924	
		Em 4	Em 11			Compra	Venda		Compra	Venda		
Algodão	1 k.	21\$00	—	Cocono e de Loanda	15 k.	38\$00	34\$00	Londres	124\$50	125\$50	116\$00	117\$00
Amido de mandioca	»	—	—	Couros limpos	»	11\$00	10\$00	Fin de Julho	—	—	—	—
Borracha de Ambiz 1.ª	»	9\$00	—	Farinha de mandioca	»	—	—	Paris	1.47	1.48	1.34	1.35,5
» 2.ª	»	7\$00	—	Fibra de agave	»	—	—	Alemanha	—	—	—	—
» Loanda e Beng. 1.ª	»	8\$00	6\$00	Gergelim	»	—	—	Praga	—	—	—	—
» e 2.ª	»	6\$00	—	Goma capolo	»	—	—	Holanda	10.80	10.89	10.09	10.18
Cacau fino	15 k.	75\$00	75\$00	» branca 1.ª	»	—	—	Madrid	3.70	3.74	3.46,5	3.50
» paiol	»	66\$00	50\$00	» mixta	»	—	—	Belgica	1.34	1.36	1.23,5	1.25
» escolha	»	33\$00	37\$00	» preta	»	—	—	Italia	1.22	1.23	1.12,5	1.13,5
Café Ambriz	»	148\$00	147\$00	Marfim de lei	»	—	—	Suiça	5.33	5.37	4.96	5.00,5
» Cazengo	»	144\$00	145\$00	» meão	»	—	—	Suecia	—	—	—	—
» Encoge	»	146\$00	145\$00	» escaravelho	»	—	—	Nova-York	27.92	28.15	25.82	26.04
» Novo Redondo	»	155\$00	150\$00	Milho	»	16\$00	16\$50	Brasil	—	—	—	—
» S. Tomé	»	165\$00	153\$00	Óleo de palma do Congo	»	72\$00	74\$00	Rio de Lisboa	—	—	—	—
Cera	1 k.	14\$00	14\$00	» de Loanda	»	68\$00	74\$00	Rio	—	—	—	—
Cocoonote do Zaire	15 k.	38\$00	34\$00	Ricino	»	—	—	Libras ouro	—	—	—	—
» da Guiné	»	38\$00	34\$00	Tapioca	»	—	—	Agio do ouro	—	—	—	—



# Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

**Séde — LISBOA — Rua do Comercio**

**Agencia — LISBOA — Cais do Sodré**

Capital social: Esc. 48.000:00\$000

Capital realizado: Esc. 24.000:000\$00

Reservas: Esc. 34.000:000\$00

FILIAIS NO CONTINENTE — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Régua, Santarém, Setúbal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real, Vila Verde, Viseu

FILIAIS NAS ILHAS — Funchal (Madeira), Angra do Heroísmo e Ponta Delgada (Açores)

FILIAIS NAS COLONIAS — AFRICA OCIDENTAL — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshasa (Congo Belga), S. Tomé, Príncipe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Rica, Mossamedes, Lubango

AFRICA ORIENTAL — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo

INDIA — Nova Góia, Mormugão e Bombaim (India Inglesa) CHINA — Macau TIMOR — Dilly

FILIAIS NO BRASIL — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus

FILIAIS NA EUROPA — Londres, 9 Bishopsgate E. — Paris, 8, rue du Helder

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS — New-York, 93, Liberty Street

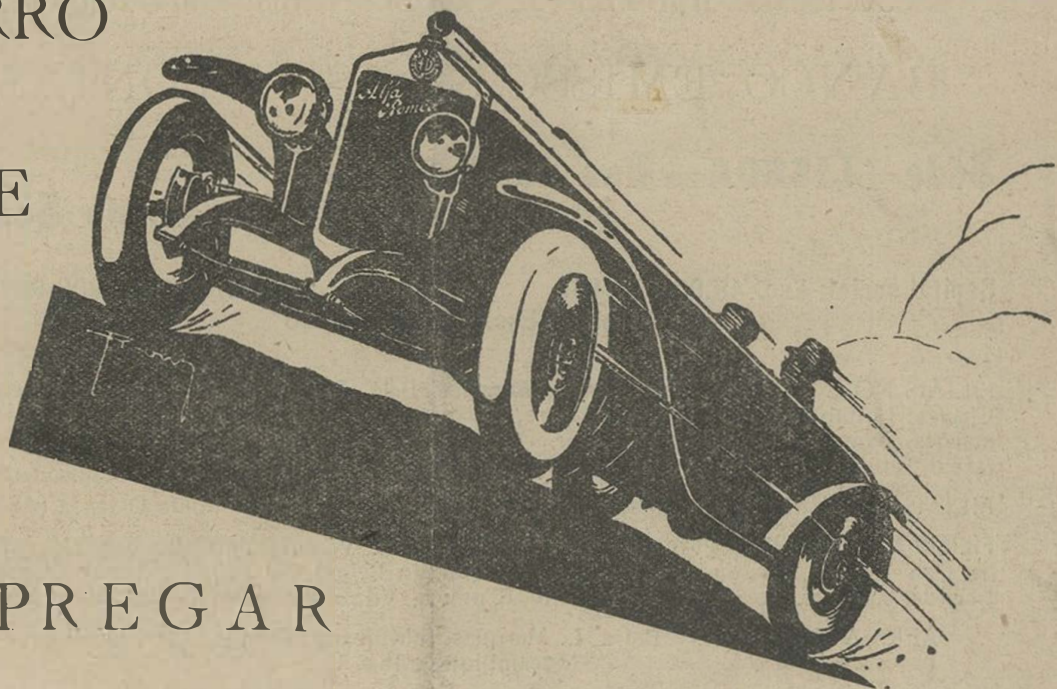
Operações bancarias de toda a especie no continente, ilhas adjacentes, Colónias, Brasil e restantes países estrangeiros

A VELOCIDADE

NUNCA FALTARÁ AO

CARRO

QUE



EMPREGAR

**Auto-Gazo**

A MELHOR

GAZOLINA

VACUUM OIL COMPANY